A ESSENCIALIDADE DA MÚSICA PARA A EDUCAÇÃO EM BUSCA DA ALEGRIA E DO PRAZER DE APRENDER

Cyrilo Firmiano da Costa Ângela Carmem dos Santos

RESUMO

Este artigo apresenta a importância da música no processo de ensino aprendizagem e seus benefícios na preparação do indivíduo para a vida através da utilização de uma metodologia calcada na ludicidade e no som, como fatores basilares de atuação no pleno desenvolvimento da cognição, da motricidade e na ampliação do conhecimento intelectual.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa. Socialização. Desenvolvimento. Musicalização. Ludicidade.

A Essencialidade...

Conscientes de como é extremamente difícil modificar qualquer procedimento secular da Escola e de que a atitude de educar tem de ser dentro de seu espaço/tempo, nós educadores queremos dar nossa pequena contribuição, particularmente na questão da educação básica, num estudo voltado para a valorização do aluno e da aprendizagem significativa.

Pensamos que o professor precisa mobilizar diferentes formas de trabalho para estruturar práticas educativas bem adequadas à realidade de cada aluno seu, levando em conta a diversidade da estrutura que envolve cada criança.

Ao empregar linguagens diversificadas e a interdisciplinaridade o professor poderá atingir gamas cada vez mais amplas do conhecimento que cada aluno traz consigo para a sala de aula, em virtude da cultura e do ambiente em que esteve inserido desde sempre.

A educadora e pesquisadora Emília Ferreiro (1990) expande a compreensão da educação não como transmissão de informação, mas como emancipação

humana, que possibilita a transformação do educando em um sujeito pensante. "... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa" (FERREIRO, 1990).

Por outro lado, ao aplicar-se um material didático que busque atender às especificidades e às reais necessidades dos alunos, o professor estará contribuindo para uma significativa mudança no quadro milenar de uma educação que privilegia a quantidade de conteúdos em detrimento da apreensão da essência das disciplinas que lhes são ministradas.

A pesquisadora Ivani Fazenda (2001) revela que, em sua larga experiência como professora da pré-escola a pós-graduação, se deparou com professores órfãos de teorias, de práticas e de metodologias, mas garante que não é por falta de produção científica ou de livros que tratem do tema.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), em seu artigo 3.º, inciso I, um dos princípios do ensino é garantir a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e, para que isso ocorra de uma maneira tranqüila e efetiva, necessário se faz facilitar por todos os meios a promoção da alegria e da satisfação da criança que freqüenta a sala de aula.

A gente olha, mas não vê, a gente vê, mas não percebe, a gente percebe, mas não sente, a gente sente, mas não ama e, se a gente não ama a criança, a vida que ela representa, a infinita possibilidade de manifestação dessa vida que ela traz, a gente não investe nessa vida, e se a gente não investe nessa vida, a gente não educa e se a gente não educa no espaço/tempo de educar, a gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida; a gente educa para a morte das infinitas possibilidades. A gente educa (se é que se pode dizer assim) para uma morte em vida: a invisibilidade (TRINDADE, 2000, p. 9).

Na luta pela qualidade do ensino e contra o fracasso escolar, um dos temas que vem sendo discutido pelos educadores e pesquisadores, diz respeito à forma como as diferenças existentes entre os alunos da escola fundamental podem ser consideradas na organização do processo educativo.

A Música e o Homem

Talvez lograssem sucesso, ao lecionar em classes muito heterogêneas, com alunos de diferentes idades e níveis de aprendizagem, os professores que optassem por contextualizar sua disciplina a um tema musical que provocasse o envolvimento

de todos eles e, conseqüentemente, capitalizassem benefícios ao aprendizado geral e individual da classe. É isso que queremos discutir neste trabalho.

A música sempre fez parte da vida do homem, em qualquer parte do mundo, em todas as épocas. Desde que se tem notícia da história da humanidade, a música e o homem sempre formaram par perfeito.

Podemos imaginá-lo reproduzindo os sons da natureza através do cântico dos pássaros, do ruído das águas a rolar pelas pedras das cachoeiras, do murmúrio das ondas do mar quebrando nas areias da praia e do ribombo dos trovões, bem como do som do silêncio.

A música, o som ordenado, assim como é uma linguagem universal também é uma linguagem por meio da qual uma idéia uma idéia é mais bem difundida ao longo dos tempos: mesmo sem escrever quaisquer sinais gráficos que representassem os sons que cantavam, há gerações de monges orientais, por exemplo, que continuaram pelos séculos entoando palavras que aprenderam cantando desde a mais tenra infância com seus mestres. Essa é a transmissão verbal-oral-cantada do conhecimento. (FERREIRA, 2002, p. 9-10).

A música é uma linguagem sonora capaz de comunicar sensações, sentimentos e pensamentos. Faz parte da educação. Na Grécia antiga, Platão (428/427-347 a.C) considerava que a música tinha grande poder de influência sobre o homem, por isso deveria estar sob o controle do Estado (cidade), considerado como responsável por garantir o bem social.

A música era uma atividade vinculada a todas as manifestações sociais, culturais e religiosas. Para os gregos, a educação musical aprimorava o caráter e tornava úteis os homens em palavras e ações. Os estudos musicais começavam na infância e se estendiam por toda a vida.

Música como Mediadora de Aprendizado

Quem trabalha com educação sabe que durante o desenvolvimento das crianças várias "janelas" se abrem e se fecham. Essas "janelas" nada mais são do que um período de tempo em que certas áreas do cérebro estão mais ativas favorecendo a apreensão do conhecimento e, portanto, da aprendizagem.

Pesquisas, realizadas com esse objetivo, mostram que é possível o estímulo cerebral com a utilização da música, que pode provocar o aprimoramento

da sensibilidade. Neste sentido, o professor deve perceber a importância da música como nova possibilidade de aprendizagem.

A música como mediadora do aprendizado surge da necessidade de contextualizar os conhecimentos trazidos pelos alunos. Desse modo, o cabedal de conhecimento que o aluno constrói fora dos muros da escola será conhecido dentro da sala de aula, ampliado e fixado para sempre. Partimos do pressuposto de que tudo o que nos é informado pode ser esquecido, menos os que de fato assimilamos como valores significativos.

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência. (ROGERS, 1982, p. 258).

Considerar o aluno como o principal centro da produção do conhecimento na Escola, e portanto, oportunizar-lhe todas as formas e ferramentas capazes de alavancar o desenvolvimento de suas capacidades de interação com a realidade que o envolve, é predispô-lo à apreensão de novos saberes, ampliando seus conhecimentos, o que transcende a pura e simples memorização e repetição dos conteúdos que lhes forem impostos. É encorajá-lo na busca do prazer da pesquisa, da descoberta, da criatividade, da formulação de hipóteses e das práticas experimentais.

Gadotti, citado por Ebenezer de Menezes (2001), vê a competência subordinada à ética, à estética e à política quando alega: "Não é competente o educador que não é comprometido porque ele trabalha em função de um mundo a ser construído, de um outro mundo possível; portanto de uma utopia".

Pensamos a Música como coadjuvante ou mediadora, nessa nova visão de aprendizado, focada no aluno, e que preconiza a interdisciplinaridade como promotora do entrelaçamento entre variadas disciplinas.

No caso específico das Disciplinas Física, Química, Biologia e Matemática em que um grande número de alunos do ensino médio não logra alcançar rendimento satisfatório, elevando as taxas de repetência e de evasão escolar, acreditamos que um trabalho baseado na contextualização musical dessas disciplinas facilitaria sobremodo a compreensão por parte do aluno. Percebe-se que, contextualizados,

com a canção *Aquarela* (v. Anexo 1), podem ser trabalhados, minimamente, conteúdos de Física, Matemática e Geografia.

Claro que essa metodologia seria aplicada em disciplinas cujos conteúdos pudessem ser trabalhados desse modo, como no caso das disciplinas sugeridas. Com certeza, esvaziaríamos as fileiras formadas pelos excluídos social e intelectualmente.

Já com a canção *Rosa de Hiroshima* (v. Anexo 2), estaríamos trabalhando Ciências Físicas, não apenas pelo aspecto do efeito das substâncias radiativas mas a questão das mutações em decorrência delas.

Queremos eleger a Música como precursora de um urgente movimento no sentido da criação e desenvolvimento de um Projeto Político Pedagógico a ser formalmente utilizado nas instituições estudantis públicas e privadas, a fim de que desenvolvam procedimentos metodológicos que viabilizem sua aplicação no cotidiano da escola, dinamizando as aulas e motivando o aluno a participar com crescente interesse na construção de seu próprio conhecimento.

Para Dewey, 'o conhecimento é uma atividade dirigida que não tem um fim em si mesmo' mas está dirigido para a experiência. As idéias são hipóteses de ação e são verdadeiras quando funcionam como orientadoras dessa ação (ZACHARIAS, 2007).

Percebemos a utilização da Música por vários profissionais liberais em variados contextos, como relaxamento, desestressamento, etc. Conhecemos médicos, engenheiros, profesores de Química, de Física e de Biologia que chegam a até ser concertistas, utilizando a música para melhor atuarem em suas atividades profissionais. Não a utilizam por terem desenvolvido seus talentos musicais em sala de aula, mas por terem sido sensibilizados por essa maravilha que é a Música no decorrer de suas formações.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em seus Objetivos Gerais de Arte para o Ensino Fundamental, rezam:

No transcurso do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e contemporaneidade. (1997, p. 39).

Segundo Ana Mae, citada por Meneghettti (1999), os temas cruciais da década de 90 (Século XX) incluem, além da inserção da Arte na LDB, a iterdisciplinaridade, assunto que já era alvo de reflexões nos anos 60 e 70, em

âmbito internacional. Tendo sido esquecido na década de 80, o tema fora retomado nos anos 90.

"Os PCNs-Arte englobam o ensino de artes visuais, teatro, dança e música, abordando cada linguagem separadamente, com indicações para o desenvolvimento de trabalhos que integram a Arte com as demais disciplinas do currículo". (MENEGHETTI, 1999).

Com base nestes pressupostos, acreditamos que haverá sempre aprendizagem significativa, de conteúdos relevantes das disciplinas ministradas sob o enfoque metodológico defendido neste artigo, o que nos leva a acreditar que o tema ora discutido trará inequívocos avanços para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Projetos Inovadores

"A escola não desenvolve a inteligência."

Jerome Bruner

É notório que existe uma demanda por projetos inovadores que provoquem o envolvimento de toda a comunidade escolar, independentemente da área do conhecimento, idade, sexo, crença ou ideologia dos sujeitos que participam do cotidiano deste ambiente educacional.

Esta carência pode ser suprida desde que os pressupostos da responsabilidade e do comprometimento estejam incorporados nos atores das instituições educativas públicas e/ou privadas.

Onde está a educação musical?

No exato momento em que desenvolvemos a construção deste artigo nos comprazemos ao ouvir GLORIA, RV589 de Vivaldi, por *Johs Alldis Choir English Chamber Orchestra*, o que nos inspira de tal maneira que o pensamento como que brota dos acordes das peças musicais que compõem a obra.

Assim tem sido no decorrer do tempo. Em tudo há música, sendo utilizada para expressar humores, sentimentos, aprendizados, apaziguamentos, intercâmbios; como tão bem nos a revela a letra da música *Viola Enluarada* (v. Anexo 3).

O primeiro som que produzimos é música ao ouvido de nossos pais. Com os sons que produzíamos, os ensinávamos a conhecer os momentos em que estávamos necessitando de um atendimento psicológico, o momento em que era necessária a troca de nossas fraldinhas, os momentos em que estávamos com fome e sede, ou mesmo o instante em que estávamos nos sentindo solitários.

Música: aprendizado para vida inteira

As cantigas populares (v. Anexo 4), que cantávamos nas brincadeiras de roda de nossa infância nos remetem ao tempo gostoso de um mundo que não mais existe, mas que nos enche de saudades dos acontecimentos daquela doce época da socialização, dos primeiros contatos, dos primeiros programas, das primeiras paixões. Um marco indelével em nossas vidas.

Lembro-me da minha primeira professora ensinando-nos a "cantar" a tabuada – *um mais um, dois, dois mais dois, quatro*, ou ainda *duas vezes um, dois, duas vezes dois, quatro* – pois era o tempo da educação, hoje chamada de tradicional, em que o conteúdo era mais importante que o aprendizado.

Dá para pensar se não seria interessante aplicarmos ao conteúdo das Disciplinas que ministramos, um pouco de som para fixação de suas nuances, como em uma cantiga de roda que ensina que "sete e sete são quatorze, com mais sete vinte e um, tenho sete namorados só posso casar com um", que além de comportamento moral e ético, nos ensina matemática.

Acredita-se que as primevas comunicações teriam sido desenvolvidas através da variedade de sons produzidos ao percutir troncos ocos de árvores de diferentes diâmetros e extensão, estabelecendo-se, assim, uma forma de linguagem possível, ou mesmo através dos sons que a própria natureza produzia — e ainda produz — que reproduzidos por imitação (som do cântico de certo pássaro, ou grasnar de uma ave, o ruído produzido por um outro animal), estabelecia-se, também, a comunicação.

A música está em todos os lugares, seja como atração principal de um concerto ou como pano de fundo de uma peça teatral. Pode estar dentro do carro, na sala de jantar no som dos talheres à mesa, na casa ao lado, ou mesmo no cantar sofrido de um transeunte ou no ruído dos carros passando e freando

bruscamente. Talvez se faça presente apenas no pensamento enevoado, evocando lembranças e sensações de distantes passados.

O conjunto sonoro do cotidiano proporciona ritmos e melodias constantes, tanto nas composições agitadas das grandes cidades como nas tranquilas sinfonias dos parques e florestas.

A música tem poderes para acalmar ou exaltar, alegrar ou entristecer, minimizar a dor ou torná-la insuportável, fazer lembrar ou fazer esquecer, como sugerem Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle em sua "Viola Enluarada" (v. Anexo 3).

É impossível permanecer imune a esta forma artística que, ao longo dos séculos vem diversificando-se, expandindo-se, infiltrando-se e conquistando espaços, sempre evoluindo através da troca de influências e de misturas entre seus estilos.

A música também está na escola, na sala de aula, nos pátios no momento do recreio. Tudo é música, mas o nada também é. Alguém já afirmou que o silêncio é música. Mas para identificar e apreciar essa música onipresente é preciso sensibilidade, algo inerente a todo ser humano, embora nem sempre perceptível na superfície do comportamento. Portanto, educar musicalmente é, acima de tudo, desenvolver a percepção e criar condições para uma relação frutífera com os sons da vida.

O papel do educador é o de mostrar os caminhos para compreender a música, uma compreensão que não se limita aos aspéctos técnicos da organização de ritmo e harmonia, mas que envolve também o refinamento do gosto e do paladar musical.

Porém, a teoria faz parte da educação, proporcionando estruturas importantes que sustentam a base para um melhor entendimento da realidade prática. A experimentação é desejável e pode e deve ser sempre exercitada. O que sugere desenvolver todo o nosso potencial em benefício da profissão que abraçamos. Tudo isso pode ocorrer tanto nos meios formais quanto nos não formais. Gadotti alega

que o novo professor é um profissional que aprende em rede (ciberespaço da formação), sem hierarquias, cooperativamente (saber organizar o seu próprio trabalho). É um aprendiz permanente, um organizador do trabalho do aluno; consciente, mas também sensível. Ele desperta o desejo de aprender para que o aluno seja autônomo e se torne sujeito da sua própria formação. (2003, p. 53).

Por isso, na perspectiva trabalhada por Gadotti (2003) em sua obra, o novo professor precisa desenvolver habilidades de colaboração (trabalho em grupo, interdisciplinaridade), de comunicação (saber falar, seduzir, escrever bem, ler muito), de pesquisar (explorar novas hipóteses, duvidar, criticar) e de pensamento (saber tomar decisões).

Diante da compreensão de que os alunos necessitam construir significados por meio das múltiplas interações, buscamos facilitar essa construção na medida em que os conteúdos sejam tratados de maneira interdisciplinar favorecendo sua ressignificação e, por conseguinte, ampliando seus conhecimentos.

Disciplinas que apresentem maiores problemáticas para a compreensão dos alunos, com o novo enfoque proposto, serão administradas de acordo com os Temas Transversais propostos nos PCN's.

Entende-se hoje que o mundo não consiste de "coisas isoladas", e sim de interações, pela complementaridade de dimensões que dela fazem parte, constituindo uma complicada malha de ligações operativas complexas e não lineares (OLIVEIRA, 1989 *apud* LÜCK, 2001, p. 50).

Interdisciplinaridade

Sonhamos com uma escola que, sendo séria, jamais vive sisuda. A seriedade não precisa de ser pesada. Quanto mais leve a seriedade, mas eficaz e convincente é ela. Sonhamos com uma escola que, porque séria, se dedique ao ensino de forma competente, mas, dedicada, séria e competentemente ao ensino, seja uma escola geradora de alegria. O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar e aprender, de conhecer, não transforma este que fazer em algo triste. Pelo contrário, a alegria de ensinar e aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes. É por isso que ... eu falava de que o reparo das escolas, urgentemente feito, já será um pouco mudar a cara da escola do ponto de vista também de sua alma. (FREIRE, 1991, p.37).

Silva (*passim*, s/d) destaca algumas características da escola sonhada por Paulo Freire: leveza, alegria, seriedade e competência, acrescentando "que a seriedade e a competência não excluem a leveza e a alegria; portanto a escola, para ele, não precisa ser triste nem pesada".

Contudo, a autora analisa que o estudo da História da Educação revela que as práticas pedagógicas no decorrer do tempo, e ainda hoje em sua maioria, opõemse ao que sonhava Paulo Freire.

Nossa vivência nos mostra aspectos importantes da utilização da música na sala de aula. Quando realizávamos estágio em uma escola pública durante o nosso processo de treinamento para adentrar a sala de aula, realizamos uma experiência interessante.

Ao contarmos a história dos *Três Porquinhos*, demos a cada deles um nome conforme o texto que tínhamos em mãos. Ao terminarmos, pedimos que alguém reproduzisse a historinha. Era uma turma do Pré-A (3 anos a 6 anos de idade).

Uma menininha habilitou-se a reproduzi-la, e o que fez com maestria utilizando, inclusive, o nome de cada porquinho conforme havia aprendido com sua professora gestora.

O mesmo aconteceu com as musiquinhas de animação cantadas para aprenderem sobre vogais e consoantes, matemática e hábitos de higiene, bem como para irem para o recreio. Entendemos, enfim, que a música tem uma função primordial para esses momentos. Por que não perenizá-los?!

Percebemos que o papel da música na educação, não é apenas como experiência estética, mas também como mediadora do processo de aprendizagem, como instrumento para tornar o ambiente da escola em um lugar mais alegre e receptivo como sonhava Freire, além de também ampliar o conhecimento e a sensibilidade musical do aluno. Afinal, a música é um bem cultural e seu conhecimento não deve ser privilégio de poucos.

Nesse sentido, Chiarelli e Barreto (2005) sugerem que a escola deve oportunizar a convivência com os diferentes gêneros musicais, apresentando novos estilos, bem como proporcionando ao aluno uma análise crítico-reflexiva do que lhe é apresentado.

Por essa razão, em sua pesquisa, as autoras aprofundam a questão da Inteligência Musical, apresentada por Howard Gardner (1995) na teoria das inteligências múltiplas, identificando alguns motivos pelos quais ela deveria ser melhor considerada no currículo escolar.

Por fim, indicam a música como "um elemento importante para estabelecer a harmonia pessoal, favorecendo a integração, a inclusão social e o equilíbrio psicossomático", além de contribuir para deixar o ambiente escolar mais alegre, podendo ser usada para proporcionar uma atmosfera mais receptiva à chegada dos alunos, oferecendo um efeito calmante após períodos de atividades física e

reduzindo a tensão em momentos de avaliação. A música também pode ser usada no aprendizado de diversas disciplinas.

Corroborando com a perspectiva desenvolvida por estas autoras, destacamos a importância de que o educador selecione músicas que falem do conteúdo a ser trabalhado em sua aula, contextualizando-o. Isto tornará a aula mais dinâmica e ajudará o aluno a lembrar as informações transmitidas.

Conclusão

Esperamos que este artigo possa ter mostrado como tudo isto é possível ou, ao menos tenha despertado nossos colegas pedagogos para esse tema de fundamental relevância no desenvolvimento do ensino aprendizagem, somando nossas experiências à dos que nos precederam, tratando do mesmo assunto.

Esperamos, também, que nosso artigo "A Essencialidade da Música para a Educação – Em busca da Alegria e do Prazer de Aprender" possa sensibilizar as organizações educacionais no sentido da criação de um PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO-PPP que institucionalize uma política voltada para a entronização da música nos currículos escolares desde a Pré-Escola até, quem sabe, o nível médio.

Reconhecemos que, desde muito tempo, alguns professores e professoras utilizam a música até para apresentar um texto novo. E todos os exemplos conhecidos de utilização da música dentro do enfoque apresentado, foram e são bem sucedidos: personalidades de renome veiculadas pela mídia televisiva nacional como Bia Bedran, Daniel Azulay e tantos outros talentos estão aí como prova, não exatamente como gestores de uma turma em sala de aula, mas procurando ajudar o aluno a aprender e apreender através dos sons musicais.

Queremos fornecer os elementos necessários para que essa atividade se manifeste para o bem do futuro cidadão, nosso aluno de agora que está submetido ao nosso exercício profissional cotidiano.

Aquarela

Composição: Toquinho / Vinicius de Moraes G.Morra / M.Fabrizio

Numa folha qualquer Eu desenho um sol amarelo E com cinco ou seis retas É fácil fazer um castelo...

Corro o lápis em torno
Da mão e me dou uma luva
E se faço chover
Com dois riscos
Tenho um guarda-chuva...

Se um pinguinho de tinta Cai num pedacinho Azul do papel Num instante imagino Uma linda gaivota A voar no céu...

Vai voando
Contornando a imensa
Curva Norte e Sul
Vou com ela
Viajando Havaí
Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela
Branco navegando
É tanto céu e mar
Num beijo azul...

Entre as nuvens Vem surgindo um lindo Avião rosa e grená Tudo em volta colorindo Com suas luzes a piscar...

Basta imaginar e ele está Partindo, sereno e lindo Se a gente quiser Ele vai pousar...

Numa folha qualquer
Eu desenho um navio
De partida
Com alguns bons amigos
Bebendo de bem com a vida...

De uma América a outra Eu consigo passar num segundo Giro um simples compasso E num círculo eu faço o mundo...

Um menino caminha E caminhando chega no muro E ali logo em frente A esperar pela gente O futuro está...

E o futuro é uma astronave Que tentamos pilotar Não tem tempo, nem piedade Nem tem hora de chegar Sem pedir licença Muda a nossa vida E depois convida A rir ou chorar...

Nessa estrada não nos cabe Conhecer ou ver o que virá O fim dela ninguém sabe Bem ao certo onde vai dar Vamos todos Numa linda passarela De uma aquarela Que um dia enfim Descolorirá...

Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
(Que descolorirá!)
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo
(Que descolorirá!)
Giro um simples compasso
Num círculo eu faço
O mundo
(Que descolorirá!)...

Rosa de Hiroshima

Composição: Vinícius de Moraes / Gerson Conrad

Pensem nas crianças Mudas telepáticas Pensem nas meninas Cegas inexatas Pensem nas mulheres Rotas alteradas Pensem nas feridas Como rosas cálidas Mas, oh, não se esqueçam Da rosa da rosa Da rosa de Hiroshima A rosa hereditária A rosa radioativa Estúpida e inválida A rosa com cirrose A anti-rosa atômica Sem cor sem perfume Sem rosa sem nada

Viola Enluarada

Composição: Paulo Sérgio Valle /Marcos Valle

A mão que toca um violão Se for preciso faz a guerra, Mata o mundo, fere a terra. A voz que canta uma canção Se for preciso canta um hino, Louva à morte. Viola em noite enluarada No sertão é como espada, Esperança de vingança. O mesmo pé que dança um samba Se preciso vai à luta, Capoeira. Quem tem de noite a companheira Sabe que a paz é passageira, Prá defendê-la se levanta E grita: Eu vou! Mão, violão, canção e espada E viola enluarada Pelo campo e cidade, Porta bandeira, capoeira, Desfilando vão cantando Liberdade. Liberdade, liberdade...

Cantigas de Roda

Ai, Eu Entrei na Roda

venda

Refrão - Ai, eu entrei na roda Ai, eu não sei como se dança Ai, eu entrei na "rodadança" Ai, eu não sei dançar

Sete e sete são quatorze, com mais sete, vinte e um Tenho sete namorados só posso casar com um

Namorei um garotinho do colégio militar O diabo do garoto, só queria me beijar

Todo mundo se admira da macaca fazer renda Eu já vi uma perua ser caixeira de uma

Lá vai uma, lá vão duas, lá vão três pela terceira Lá se vai o meu benzinho, no vapor da

Lá se vai o meu benzinho, no vapor da cachoeira

Essa noite tive um sonho que chupava picolé Acordei de madrugada, chupando dedo do pé

Caranguejo

Caranguejo não é peixe, Caranguejo peixe é; Caranguejo só é peixe Na enchente da mará. Ora, palma, palma, palma! Ora, pé, pé, pé! Ora, roda, roda, Caranguejo peixe é!

Capelinha de melão

Capelinha de melão é de São João É de cravo, é de rosa É de manejricão São João está dormindo não me ouve não Acordai, acordai, acordai João

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti; BARRETO, Sidirley de Jesus. **A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental**: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. Revista Recre@rte Nº 3 Junho 2005. ISSN: 1699-1834. Disponível em http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03.htm>. Acesso em 30 mar. 2007.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade de A a Z**. Educar 2001. Disponível em: http://www.educacional.com.br/reportagens/educar2001/texto04.asp. Acesso em: 20 abr. 2007.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

FERREIRO, Emília. A escrita ... antes das letras. In: SINCLAIR, Hermine. A produção de notações na criança: linguagem, número ritmos e melodias. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. São Paulo: Cortez, 1991.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: aprender e ensinar com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

LUCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar**: **fundamentos teórico-metodológicos**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MENEGHETTI, Sylvia Bojunga **Contexto Nacional**: As principais mudanças políticas e conceituais na visão dos arte-educadores. Arte na escola: Boletim nº 20 março 1999. Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=10. Acesso em 30 mar. 2007.

MENEZES, Ebenezer. **Alguém que amou a terra.** Agência EducaBrasil: informação para a formação. 2001. Disponível em: http://www.educabrasil.com.br/eb/exe/texto.asp?id=424. Acesso em 25 abr. 2007.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa.** Tradução de M. J. C. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SILVA, Sara Regina Moreira da. **Música na educação de jovens e adultos**: mais que um recurso pedagógico. Grupo Temático: Práticas Escolares e não escolares e Organizações alternativas. Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: http://www.ufscar.br/~crepa/ICREPA/praticas/MUSICA_NA_EDUCACAO_DE_JOVENS_E_ADULTOS.doc. Acesso em: 30 mar 2007.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da; SANTOS, Rafael dos (orgs). **Multiculturalismo**: mil e uma faces da escola. Rio de janeiro: DP&A, 2000, p. 7-16.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara. **Dewey e a Escola Progressista**. Centro de Referência Educacional: Consultoria e Assessoria em Educação, 2007. Disponível em: http://www.centrorefeduca.cional.com.br/dewey.html>. Acesso em 30 abr. 2008.